



PUC

RIO

PIBIC 05/06

Departamento: SOCIOLOGIA E POLÍTICA

Aluno(a): Marília Gabriela Mendes e Ana Beatriz Bastos Aragao

Orientador(a): Sonia Maria Giacomini

Título do Projeto: Relações de gênero, relações raciais e de amizade e os significados do corpo em contextos de sociabilidade na cidade do Rio de Janeiro

RELAÇÕES DE GÊNERO, RELAÇÕES RACIAIS E DE AMIZADE E OS
SIGNIFICADOS DO CORPO.
EM CONTEXTOS DE SOCIABILIDADE NA CIDADE DO RIO DE JANEIRO

Introdução

A Feira de São Cristóvão ou Centro Luiz Gonzaga de Tradições Nordestinas é um espaço fértil para estudos antropológicos sobre a sociabilidade. Seu ambiente de festa promove o encontro de diversos grupos de pessoas, sejam eles nordestinos ou cariocas, brasileiros ou estrangeiros que estão em busca de lazer: trata-se de um local onde há música e dança, comidas e artigos típicos e até objetos do nosso dia-a-dia metropolitano, onde se procura especialmente passar um tempo agradável com a família ou amigos.

Assim, reunindo esses diversos elementos, como descreve Pandolfo, a Feira de São Cristóvão reconstrói a memória de uma cultura regional brasileira ao mesmo tempo em que dialoga e se apropria de elementos culturais do espaço urbano do Rio de Janeiro.

No entanto, afirma que apesar de ser um espaço de congregação e confraternização, por ter essa forte característica heterogênea, a sociabilidade não ocorre de forma livre, cada grupo social elabora seus próprios valores e etiquetas, reafirmando identidades que diferenciam um dos outros e impõe limites para a sociabilidade, como afirma Rezende.

O nosso objetivo é tentar compreender como se dão as construções de identidade social de distintos grupos e que se traduzem em comportamentos e práticas corporais desse espaço de lazer: há um afrouxamento de controles sociais o que em comparação com outro ambiente como o de trabalho aproxima as pessoas, mas, entretanto no contexto não significa a ausência ou apagamento de regras.

Sociabilidade e Identidade

Na análise de Maria Lúcia Pandolfo sobre a Feira de São Cristóvão é enfatizado como ela constitui um importante ambiente para a comunidade nordestina que vive no Rio: ela reforça a identidade de origem destes uma vez que reproduz as formas de sociabilidade próprias da região rural nordestina.

Como menciona Pandolfo, a própria história da formação da Feira revela este sentimento de solidariedade, tendo duas funções principais: 1) tem a função de ensinar a pertencer a esse novo lugar desconhecido da metrópole e onde se recebia os recém chegados do nordeste e os orientava sobre como agir na cidade. 2) tem a função de

qualificar aos nordestinos que vivem na cidade seu lugar de pertencimento, reconstruindo a identidade sócio-cultural nordestina. Além de ser um lugar de “matar as saudades”, pois ali eles trocavam informação sobre os parentes que ainda estavam no nordeste, comprar produtos específicos da sua região natal, mas principalmente, praticar e reproduzir hábitos e costumes de sua cultura.

Era um meio para que o saber popular nordestino fosse sempre revitalizado orientando e relembrando a seus integrantes, pois “perdidos” nos hábitos e costumes de uma cultura metropolitana desconhecida, se reencontram em um lugar comum onde o sentimento de integração e de origem eram experimentados como forma de continuar viva sua memória cultural.

Chartier aponta para a importância da prática de apropriação (e seleção) da cultura ideológica de um grupo dominante pelo grupo popular que cria a partir daí sua cultura específica, nela se articula, através de sua recepção, práticas e usos próprios segundo o sentido que lhes é apropriado. Dessa forma, a cultura popular segundo esse autor é antes um espaço de enfrentamentos e hierarquias em que se estabelecem modos específicos de utilizar o que lhe é apresentado.

Segundo Simmel, sociabilidade é uma manifestação de socição liberadas dos objetivos e interesses que existem nesse e que contribuem para sua formação, ou seja, na sociabilidade o indivíduo se integra com o outro sem qualquer fim ulterior, a não ser pelo próprio sentimento de integração, de estar com o outro. Para o autor, a sociabilidade constrói “um mundo sociológico ideal, no qual o prazer de um indivíduo está intimamente ligado ao prazer dos outros” (p.172), porém, para que este fenômeno ocorra Simmel, aponta a condição de igualdade entre os indivíduos para que a interação se realize plenamente, sem conflitos para sua manifestação. De fato, a feira é um espaço de confraternização, pois é um ambiente que propicia situações lúdicas e de cordialidade, estimulando a interação com o outro e, o colocando como seu igual, esta equivalência, no entanto, nem sempre é real.

A sociabilidade da feira não chega a ser sempre harmônica, pois como caracteriza Pandolfo, a feira é um espaço de tradição e de lazer, atraindo, assim, diversos tipos de frequentadores, o que cria conflitos e tensões.

Como já observaram Dumping e Norbert Elias a respeito do ócio e do lazer, constituem práticas importantes para o bem estar social uma vez que o tempo de lazer é o único momento apropriado e socialmente aprovado para relaxar o autocontrole das emoções nas sociedades ocidentais modernas onde ocorreu o processo civilizador¹. Em todos outros momentos o controle social e do indivíduo não permite que certas expressões emocionais sejam demonstradas numa sociedade em que a mentalidade racional impera sobre o comportamento dos indivíduos. É exatamente na atividade recreativa que o indivíduo vai buscar o estímulo, a excitação que extrai certo tipo de sentimento que quer ser experimentar². O espaço recreativo, portanto, realmente não é harmônico, ordenado, é onde se busca uma espécie de catarse das emoções.

Outro aspecto importante é que a sociabilidade é também uma prática que afirma valores e normas de um grupo social específico como forma de construir sua identidade

social, desta forma a sociabilidade também remete à diferenciação e separação de outras identidades estranhas ao seu grupo, o que propicia o estabelecimento e manutenção de certo tipo de hierarquia entre esses grupos.

No caso da relação entre cariocas e nordestinos, Cláudia Rezende observou que o discurso ideológico de um dos grupos observados, jovens integrantes do movimento do forró universitário, era de que havia uma união dos dois grupos, uma vez que estes tomavam a cultura nordestina como nacional e por isso cultura a que também pertenciam. No entanto, observa a autora que este discurso de integração não se estendia à prática, onde se evidenciamos limites daquela sociabilidade, naturalizados no seu modo de pensar e agir.

A cultura popular nordestina tomada como cultura nacional, categoria que generaliza o que é na verdade, específico, cria um conflito de “legitimidade” de quem realmente detém e/ou que pertence a esta cultura. Os nordestinos, por um lado, ficam satisfeitos com o interesse carioca, mas o tomam como superficial, pois são meros expectadores, não estão realmente inseridos nela, por isso são chamados de “turistas”. Entre os próprios nordestinos há conflitos sobre legitimidade e ilegitimidade da cultura nordestina, entre aqueles que participam politicamente na feira e aqueles que são feirantes, repentistas e escritores de cordel, grupos de forró tradicional e grupos de música que atendem à demanda jovem. Por exemplo, isso acontece com um grupo de música formado por dois irmãos jovens, filhos de João³ que trabalha há vários anos no local. Eles apreciam outro tipo de música como rock, pop, etc. e nos dias em que o público jovem é maior aproveitam a oportunidade para tocar outros tipos de música além do forró.

Enquanto isso, o grupo de jovens do forró universitário se percebe como legítimo porta-voz da cultura nordestina, como forma de se diferenciar de outros grupos de jovens que, no seu entender, apenas vão à feira por “modismo” ou para “azarar”.

Assim o “outro” é sempre diferenciado e hierarquizado e um dos elementos principais desta diferenciação de grupos sociais é o corpo: é socialmente construído e como tal, adquire técnicas e significados específicos de cada grupo, cada qual com uma maneira de se vestir, de se comportar, de classificar como belo ou feio. A seguir trataremos questão da construção social do corpo como elemento de identidade e distinção.

O Corpo: Identidade e Distinção

Na definição de Mauss as técnicas corporais são “as maneiras como os homens, de sociedade para sociedade, e de maneira tradicional, sabem servir-se de seus corpos”. (Mauss, p.211)

A maneira que usamos nosso corpo não é simplesmente “natural”, nós aprendemos desde a infância a falar, andar, mesmo sorrir e chorar constituindo técnicas de aprendizagem, que ao longo da vida utilizamos automaticamente, as naturalizamos. Quando vamos a uma terra estranha, ou estranhamos o que não é familiar, percebemos que o corpo foi na verdade educado segundo as normas e valores da sociedade e da cultura em que vivemos⁴.

Posto que os usos e significados corporais sejam um aprendizado social, o corpo é elemento identificador do indivíduo ao grupo ao qual pertence. O indivíduo, através de sua socialização, permite que seu corpo seja sempre “lembrado” de sua identidade social, pois é por meio do vínculo social e contato com os membros de seu grupo que ele aprende e reaprende a sua simbólica corporal (Cf. LeBreton).

Ao mesmo tempo em que o corpo é um elemento de identidade, ele é um elemento de distinção, pois para que um indivíduo pertença a um grupo específico e não a um outro, suas técnicas e simbólicas corporais que se traduzem no corpo adquirem comportamentos específicos de sua cultura que o diferencia dos outros grupos e traz percepções diferenciadas um do outro.

A percepção geral que os cariocas têm dos nordestinos são de pessoas que não conseguem controlar seus impulsos, mais especificamente aqueles de raiva e ciúme. Os cariocas justificam a hesitação de se aproximar destes, através da dança, por exemplo, por medo que desperte estes tipos de sentimentos, tanto em mulheres quanto em homens. As jovens, em especial, evitam dançar com os homens nordestinos por que temem que estes possuam “segundas intenções” com a aproximação dos corpos. Outro argumento desses jovens é que eles afirmam que cada um dança de uma maneira diferente: enquanto que os cariocas dançam mais “colados” e com giros complicados e passos de dança mais vagarosos, para dançar como os nordestinos, é preciso “ter barriga”, pois estes dançam de maneira mais ritmada e rápida.

A questão é que, com segundas intenções ou não, a dança que envolve homem e mulher é, além de uma forma de lazer, uma atividade de corte que abre caminho para um possível namoro (Cf. Azevedo, Thales). Apesar deste, hoje em dia, não levar necessariamente ao noivado e casamento, ele ainda deve ser aprovado por parentes e amigos. Assim certas regras tradicionais de associação ainda prevalecem, como observou Thales de Azevedo em *As Regras do Namoro à Antiga*. É uma das que vigora é a que ele intitulou de regra de compatibilidade: nela os pares são compatíveis se compartilham das mesmas normas, valores, interesses e gostos, ou seja, se participam do mesmo grupo social, limitando o acesso de quem está fora do grupo. Nesta situação, o corpo como elemento identificador e diferenciador, revela ao pares e aos membros de seu grupo se poderá haver uma aproximação ou não.

A vestimenta é essencial para identificar os membros do grupo e diferenciar os pertencentes a um grupo diferente. Dentre os frequentadores há o grupo dos “forrozeiros cariocas” que gostam de se vestir com roupas artesanais e sandálias rasteiras que lembram a cultura nordestina, mas adaptada ao gosto da classe média, e o grupo dos “mauricinhos” e “patricinhas”, que gostam de andar com roupas de “marca”, calça jeans, tênis, etc, de acordo com os padrões estéticos que permeiam os meios de comunicação. Dentro deste grupo inclusive não somente as pessoas que moram na zona sul, mas todos aqueles que buscam este estilo mais “arrumado”, sendo suas roupas compradas em lojas de grife ou lojas populares que imitam esta estética, podendo estar incluídas desde crianças a pessoas mais velhas, já que este ideal de juventude não é limitado por faixas etárias.

Entre os mais jovens já um aligeira diferenciação na maneira de frequentar o local. Vão à feira como “ponto de passagem” para outros lugares de lazer, geralmente danceteria ou bares, lugares propícios à aproximação de pares, como é alguns espaços da feira, em que, através da dança do forró, se aproximam os corpos. Muitas vezes assistimos na feira o ritual que antecede a dança: as mulheres e homens ficam em grupos formando uma espécie de corredor no limite da pista de dança que fica em frente ao palco. Os homens que desejam dançar passam em frente a esta “fila” e convidam uma mulher para dançar geralmente estendendo a mão em direção à escolhida, que recusa ou não. Este é um ritual de aproximação específico da feira mais praticado pelos homens nordestinos. Os jovens cariocas geralmente fazem a aproximação pela conversa e depois vem o convite, prática também difundida em boates da zona sul. Já fomos abordadas por um grupo de jovens que nos confirmou que o seu motivo para ir a feira é geralmente a confraternização entre amigos, bebendo cerveja e comendo, além de tentar uma chance de se aproximar de uma garota. Mas a feira não é vista como o local mais adequado para isso, pois preferem ir às boates para este tipo de atividade.

Quanto aos moradores da zona sul, principalmente os mais velhos, têm um maior pudor na hora de se vestir, atitude bastante diferente das mulheres nordestinas as quais não importando a idade, são mais desinibidas na hora de mostrar o corpo, porém isso depende de com quem estão acompanhadas. Isto porque, ao estarem acompanhadas de parentes masculinos, as mulheres devem se conter e se comportar de uma maneira mais tradicional, isto é, que esteja de acordo com a idéia de honra familiar patriarcal depositada na mulher. Há de se notar que a feira tem um maior público jovem as sextas e sábados à noite quando vão para estar com os amigos e procurar “paqueras”. Já os domingos à tarde há uma maior frequência de famílias, o que pode influenciar no comportamento e vestimenta dos frequentadores.

A questão do maior pudor das senhoras de classe média não parece remeter necessariamente a um impedimento externo de mostrar o corpo, mas sim a um maior autocontrole do corpo que na visão dessas mulheres remete aos valores de respeito e de prestígio. Lembrando os valores de sociedade de corte descritos por N. Elias descreve em seu artigo, estas mulheres exigem de si uma aparência de distinção da cultura de elite, e que se transferiu às classes burguesas que tentavam imitar a etiqueta da corte. Nessas classes o autocontrole do corpo, no modo de falar, do que falar, nos maneirismos, no vestir, tudo estava relacionado ao seu status de prestígio e qualquer vacilação deste controle seria uma “arma” para um concorrente que ambicionasse subir socialmente. É claro que na sociedade atual a disputa por prestígio não ocorre dessa maneira, mais ainda assim não quer dizer que ela tenha sido eliminada. Ao contrário, alguns dispositivos são frequentemente acionados, como a fofoca, a difamação, e mesmo um simples olhar de desaprovação os quais participam do jogo social da sociabilidade.

Há também os cantores e fãs da música romântica ou “brega”, geralmente pessoas mais velhas que gostam de se vestir de um jeito especial, com roupas mais chamativas de cores vibrantes, por seguir um caráter diverso dos preceitos da moda relativos à harmonia, simplicidade e discrição, a estética brega é vista como mais extravagante em relação a estética padronizada da indústria cultural. Estas pessoas se arrumam especialmente para a feira, e por isso o toque mais elaborado da roupa: os homens com chapéu de vaqueiro e as

mulheres com muitos colares, etc. Uma dessas fãs me havia comentado que se vestir era parte da alegria de ir a feira. Disse que pessoas como ela, viúvas, donas de casa, vivem em “função da alegria”, vem sempre que podem a feira e quando tem algum compromisso no domingo com a família, o adianta para mais cedo para poder depois freqüentar a feira. Ela gosta de ser uma pessoa “de família”, seus filhos e netos apóiam seu jeito de ser e incentivam suas idas à feira. Não gosta de ir dançar com outros homens, prefere dançar sozinha, “sou uma mulher independente”. Para ela quando um homem pede a uma mulher para dançar, “o simples fato de dançar quer dizer que ele a ganhou”. “Eu sou de família, não quero arrumar ninguém”. O motivo alegado por esta dona de casa para ir à feira, assim como o de muitas outras fãs da música romântica, é sair da rotina. Elas se arrumam “para farra” e encontram com suas amigas para ouvir e dançar as músicas que apreciam. Muitas fazem questão de deixar claro que o objetivo é mesmo esse, não incluindo a intenção de arranjar um par.

Uma característica do contraste das percepções dos corpos é o ideal de beleza e atratividade de cada grupo social. Para os jovens cariocas, por exemplo, o ideal de beleza está de acordo com o que é veiculado pelos meios de comunicação da cultura de massa dominante. Para as meninas é o corpo magérrimo das top models, para os meninos, os corpos malhados dos atletas e atores de Hollywood. Ambos têm como modelo os corpos das celebridades, símbolos de sucesso e status. Assim, eles têm que religiosamente esculpir este corpo idealizado na academia, as meninas nos aparelhos aeróbicos e os meninos nos musculação.

No caso dos nordestinos, a beleza feminina não está na sua magreza, mas nas suas curvas. O corpo é um pouco mais cheio e forte, é, igualmente, um corpo que atua, diferente do arquétipo do corpo passivo da mulher. Esta atua com o homem quando necessário, ela toma partido, briga com ele ou por ele, como é descrito em alguns cordéis. As freqüentadoras nordestinas, principalmente cantoras e dançarinas de grupos de música nordestina não têm vergonha de mostrar seu corpo em decotes e minissaias, se orgulham dele mesmo que para outros olhares possa parecer inapropriado. Em uma de nossas idas à feira, por exemplo, ocorreu um episódio que remete a esta diferenciação de percepções: uma jovem nordestina que tinha um corpo mais encorpado que o padrão de top model, vestida com uma saia rodada e um top que expunha a sua barriga proeminente e dançava ao som da música de Ivete Sangalo. Era perceptível no seu jeito de dançar que ela se sentia muito à vontade com seu corpo, tanto que ela até convidou um homem que passava para dançar com ela. Ao lado, um grupo de rapazes “mauricinhos” que também a observavam não disfarçava seus risos e faziam piadas sobre ela, que, no entanto, não parecia estar ligando para estes olhares de censura e escárnio.

Quanto aos homens nordestinos seu corpo é igualmente forte e robusto, distante dos corpos esculpidos “artificialmente” em academias como dos cariocas. São corpos que testemunham seu trabalho físico e diário. Alguns, no entanto, “cultivam” uma barriga de cerveja, indispensável nas idas à feira. Falarei disto mais profundamente no próximo tópico.

Corpo e Gênero

O corpo expressa no seu aspecto biológico uma divisão fundamental que é a diferença de sexos, no entanto as relações entre homens e mulheres, e a desigualdade que ocorre nessas relações é determinada menos pelo aspecto biológico do que pelas estruturas socioculturais da construção do gênero.

O gênero, de acordo com Joan Scott, é um conceito que implica em diferentes percepções da diferença entre os sexos de sociedade para sociedade nas quais determinados signos e representações culturais do masculino e feminino irão influenciar nas relações de poder. Assim, vários aspectos da vida social contribuem para a construção do gênero: a cultura e seus símbolos escolhidos e recolhidos pelas normas sociais que irão construir uma representação específica da masculinidade e da feminilidade. Além da perpetuação desta representação binária trabalhada e controlada pelas instituições sociais e pela estrutura política, e finalmente como o indivíduo atuará de acordo com essas representações como parte constitutiva da sua subjetividade.

O gênero, portanto é uma construção bastante complexa que tem no corpo uma chave importante de identidade, não somente na sua biologia, mas principalmente nos aspectos psicológico, político, cultural e social já que o corpo desde o princípio é educado para atender aos preceitos da representação de gênero que são partes fundamentais das convenções sociais.

Vários autores insistem no fato de ser no núcleo familiar que se inicia a representação e apropriação deste processo de construção sócio-cultural da diferenças dos sexos no corpo infantil. Vai ser neste ambiente que as crianças irão aprender a conduta apropriada ao seu gênero, estruturando valores e práticas da masculinidade e da feminilidade.

Porém este processo de aprendizagem se entende igualmente à escola e à rua, com o convívio com outros colegas do mesmo sexo se contrapondo com o outro. É neste contato social fora de casa que o que foi ensinado na família vai ser testado, e seus desvios de comportamento ajustados e censurados pelo controle social da comunidade e da instituição escolar e familiar.

Dentro da percepção do gênero feminino, como insiste Scott, há uma dicotomia profunda: a mulher é ora associada à casa e à família, e à pureza virginal, ora é associada à rua, à desonra do homem e ao pecado carnal. A menina é então educada a se comportar de maneira passiva, ser subordinada às ordens patriarcais e resguardar a sua virgindade, símbolo da honra familiar. Já as mulheres que “caem em desonra”, são vistas como mulheres que não tiveram família, vivem na rua e estimulam a sexualidade dos rapazes.

Nesse sentido, podemos testemunhar uma diferença de comportamento entre gêneros também na feira: no touro mecânico que há na entrada, sempre pudemos observar homens e meninos montando no brinquedo. As meninas também participavam, mas enquanto estes eram incentivados a subir no touro, as meninas geralmente eram

desestimuladas, pois os pais achavam que era muito perigoso. Além disso, nunca chegamos a observar uma mulher montar no touro, ao passo que homens adultos não parecem ter restrição alguma em exercitar a montaria. Este desestímulo e impedimento das meninas e mulheres de participarem deste tipo de recreação são causados, segundo Almeida, pelo imaginário masculino no qual o touro é símbolo da masculinidade e virilidade masculina. Os homens são testados a montá-lo e ver quem consegue “dominá-lo” por mais tempo provando sua hombridade. Os meninos que ainda estão sendo socializados conforme seu gênero, são incentivado a imitá-los para aprender a participar do “jogo”. Desse modo, as meninas, e principalmente as mulheres que já tem seu gênero construído e naturalizado, não têm lugar neste tipo de divertimento, sendo francamente desestimuladas, pois uma mulher adulta que montasse no touro não estaria de acordo com a concepção feminina idealizada de mulher virginal, assexuada e submissa. Ao contrário, ela estaria participando do jogo da sexualidade masculina, isto é, estaria completamente “fora do lugar”.

Já a concepção de masculinidade e virilidade, segundo a análise de Miguel Vale de Almeida, tem como base a rivalidade, mais moral do que física, eles disputam entre si a própria masculinidade, pois já que esta é uma característica do homem que sempre ameaçada e desafiada pelos outros, ela deve ser constantemente comprovada, neste processo de afirmação e confirmação da masculinidade tem no hábito da conversa de bar o seu campo privilegiado, sendo apelidada por M.V.Almeida de “casa dos homens”.

Desta maneira, a sociabilidade é um campo importante para podermos avaliar como as condutas e relações de gênero são praticadas, controladas e perpetuadas, neste tipo de contato social.

O consumo de bebida está diretamente relacionado à masculinidade, não que as mulheres nordestinas estejam impedidas de beber devendo, porém, fazê-lo de modo moderado e de preferência com as amigas. Os homens, no entanto, bebem numa espécie de competição de quem consegue agüentar mais os efeitos do álcool sem perder a consciência, “quem consegue segurar a bebida é mais homem”.

Um tema freqüente da relação de gêneros que aparece na feira é o marido que foi traído pela mulher, este personagem é caracterizado pelo corno, e parece tanto em músicas, como no cordel, além de ser hábito em piadas entre os amigos. Esta é mais uma forma de teste e competição pela masculinidade do homem. Como a mulher é quem detém a honra familiar e depois de casada, a honra do marido, quando ela trai este com outra, sua masculinidade fica ameaçada, pois o traidor “roubou” sua honra masculina e este fica hipermasculinizado no momento.

Na temática nordestina que aparece nos cordéis, não há como o marido não ser traído pela mulher, todos terão, depois de casados o inevitável destino de ser corno, posto que as mulheres não sejam confiáveis pela sua ambigüidade de santa e pecadora, e assim a masculinidade do marido está constantemente ameaçada. O homem que se vê traído, o corno deve comportar-se da melhor maneira possível, em vez de vingar-se e matar os dois elementos de sua desonra, como era geralmente habitual no ambiente rural onde o Estado não tem grade força coercitiva, o homem nordestino na grande cidade deve aprender a controlar seus impulsos violentos e canalizá-los de outra forma, seja se conformando ou

“afogar suas mágoas” na bebida, difamando a esposa e reclamando sobre a infidelidade das mulheres no bar, outra saída também é desviar este abalo da sua masculinidade, questionando a masculinidade dos outros.

Assim, a construção do gênero obedece à lógicas diferentes: enquanto que os homens estão em constante competição pela confirmação e manutenção de sua masculinidade, a feminilidade das mulheres não precisa ser comprovada, pois ela está numa continuação, numa permanência desta, a garota sai da casa dos pais, para depois de casada formar sua própria casa e família. No entanto, ela não deixa de ser igualmente controlada sexualmente, pois uma vez que na visão da sociedade sobre a ambigüidade do feminino, ora pura, ora impura, a mulher para manter a honra familiar e do marido deve tentar sempre controlar, pelo menos nas aparências, essa outra face do feminino negativizada pela sociedade.

Conclusão

Já vimos que na sociabilidade, além de ser uma atividade de lazer, de convívio social e busca de emoções, ela também afirma valores de sua cultura. Na feira podemos observar que os tipos de sociabilidade que se desenvolvem lá são diversos, dependendo do dia e do horário. As pessoas vão lá com a família ou com amigos, para dançar, ouvir música ou para comer uma comida típica. São vários os sentimentos e atividades que se busca nas idas à feira, nostalgia, tradição popular, amor, amizade, que ao mesmo tempo desenvolvem e reconstroem práticas, valores e normas de identidade e de distinção do “outro”. Toda essa fusão de práticas e sentimentos enviam certo tipo de mensagem a cada indivíduo da feira que é transcrito em seu corpo, passando a naturalizá-los. Ao observarmos atentamente o corpo, veremos que ele nos revela inscrições valores sociais que nem sempre podemos identificar, por exemplo, isoladamente, na linguagem. Mas, linguagem e comunicação corporal, abrimos pistas novas para, certamente uma interpretação muito mais rica.

Notas

1- O Processo civilizador foi um conjunto de mudanças comportamentais que aconteceram durante os séculos XVI e XVII, que foi permeado pelo conceito de civilização que estava nascendo nas sociedades de corte daquela época, principalmente na Alemanha e na França. Um dos preceitos do comportamento civilizado é justamente o autocontrole corporal do indivíduo, assim como, das manifestações de emoção, as quais ao serem expostas fora de um contexto adequado, como os contextos de sociabilidade lúdica, são consideradas formas de um comportamento desviante, e por isso, vetadas pelo controle social.

2- Dunning e Elias classificam este sentimento, procurado nas atividades de lazer, como de classe mimética. No sentido de que, estas atividades recreativas, promovem uma espécie de sentimento que não seria a emoção real, vivida na experiência, mas uma emoção que a imita, que relembra este momento intenso, mas sem estar vivendo-o novamente. Esta emoção de classe mimética, segundo os autores, foi um desenvolvimento do processo civilizador que permite ao indivíduo se livrar momentaneamente das amarras do controle social e do autocontrole, promovendo neste a catarse das emoções. Os indivíduos buscam

esta catarse proporcionada pelas atividades recreativas, porque querem reviver esta intensividade, sair da monotonia sentimental gerada pela rotina e sentir novamente as emoções estimulantes e libertadoras encontradas nas emoções miméticas, sem sofrer as conseqüências ou causar ameaças quando estão sob o efeito de uma experiência real de uma emoção forte.

3-O nome foi trocado para preservar sua identidade.

4- A educação, para Mauss, é um elemento importante para a transmissão das técnicas corporais dentro de uma sociedade. Esta educação das técnicas corporais necessariamente vem de fora, pois não é uma qualidade inerente ao indivíduo. De acordo com o autor a educação é uma “imitação prestigiosa”: a criança aprende com o adulto pela imitação tudo aquilo que ela percebe que foi tomado de forma positiva pelos outros. Além disso, os adultos continuam a realizar esta prática, imitando os atos daqueles que estão numa situação de prestígio, seja pela admiração, seja pela autoridade, a fim de que tenham o mesmo sucesso. Assim, esses atos são transmitidos pela educação e difundidos pela tradição da sociedade adaptando o indivíduo e seu corpo a seu meio social.

Referências Bibliográficas

ALMEIDA, Miguel Vale de. *Senhores de Si_Uma Interpretação Antropológica da Masculinidade*, Fim De Século Editora, Lisboa

AZEVEDO, Thales de. *As Regras do Namoro à Antiga: Aproximações Socioculturais*. São Paulo: Ática, 1986.

BRETON, David Le. *Las Pasiones Ordinárias_Antropologia de las Emociones*, Ediciones Nueva Visión, Argentina, 1999.

BRETON, David Le. *Adeus ao Corpo_Antropologia e Sociedade*, Papirus Editora.

CHARTIER, Roger. “Cultura Popular”: Revisitando um conceito historiográfico. In: *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, vol 8, número 16, 1995.

ELIAS, Norbert. *A Sociedade de Corte_Investigação sobre a sociologia da realeza e da aristocracia de corte*, Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor.

ELIAS, Norbert. *O Processo Civilizador: Uma História dos Costumes*, vol 1, Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 1994

ELIAS, Norbert e DUNNING, Eric. *Deporte y Ócio en el Proceso de lá Civilización*, México, Fondo de lá Cultura Econômica, 1995.

FERNANDES, Florestan e FILHO, Evaristo de Moraes. *Georg Simmel: Sociologia*. São Paulo: Ática, 1983.

MAUSS, Marcel. As Técnicas Corporais. In Sociologia e Antropologia, São Paulo, Cosac & Naify, 2003.

PANDOLFO, Maria Lúcia Martins. A Feira de São Cristóvão: Espaço Sentimental do Nordeste no Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 1989.

REZENDE, Cláudia Barcellos. Os Limites da Sociabilidade: “cariocas” e “nordestinos” na Feira de São Cristóvão. In: Estudos Históricos, Rio de Janeiro, número 28, 2001.

SCOTT, Joan. Gênero: Uma categoria útil para a análise histórica, SOS Corpo, 1989.